

O SENTIDO DO TRABALHO PARA AS PROFISSIONAIS DO SEXO DO MAIOR CONGLOMERADO DE BORDÉIS A CÉU ABERTO DO SUDESTE BRASILEIRO

DANIELE DO CARMO BALDNER
Universidade Federal do Espírito Santo
danielebaldner@gmail.com

JOSÉ VITOR PALHARES DOS SANTOS
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
titopalhares@hotmail.com

WERNER ALEXANDER GOERLICH
Faculdade Campos Eliseos
werner.goerlich@gmail.com

ÁREA TEMÁTICA: Gestão de Pessoas - Significado do trabalho, satisfação e mecanismos de recompensa

O SENTIDO DO TRABALHO PARA AS PROFISSIONAIS DO SEXO DO MAIOR CONGLOMERADO DE BORDÉIS A CÉU ABERTO DO SUDESTE BRASILEIRO

RESUMO

O objetivo que norteou este estudo foi o de analisar o sentido atribuído ao trabalho pelas profissionais do sexo do maior conglomerado de bordéis a céu aberto do sudeste brasileiro. Para tanto, foram entrevistadas dez garotas de programa que atualmente trabalham no maior conglomerado de prostituição dessa região. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas em profundidade e a análise dos dados foi feita através da Análise de Conteúdo. Pudemos verificar que, embora haja toda uma diferenciação no significado das nomenclaturas impostas à profissão do sexo, os sentidos e significados do trabalho para essas profissionais não difere muito entre elas. De acordo com as entrevistadas, podemos perceber que este não é um trabalho que possui sentido, valor ou significado às profissionais, especialmente porque é associado ao crime e à marginalidade, e não proporciona a construção do indivíduo como ser social que colabora para a formação de uma sociedade. Contudo, as entrevistadas caracterizam a prostituição como uma profissão, ora por haver uma rotina de trabalho, ora por possibilitar autonomia financeira através de serviços prestados, mas deixam claro que este é um trabalho inferior aos demais e, por isso, é uma profissão marginalizada e estigmatizante no convívio social.

PALAVRAS-CHAVE: Sentido do Trabalho; Profissionais do Sexo; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

The aim that guided this study was to analyze the meaning attributed to work by sex workers of the largest conglomerate of brothels in the open in southeastern Brazil. To this end, we interviewed ten prostitutes that currently working in prostitution largest conglomerate in the region. The data were collected through semi-structured interviews and data analysis was done through content analysis. We observed that, although there is a whole difference in the meaning of the nomenclatures imposed on the profession of sex, the meanings of work for these professionals do not differ much between them. According to the respondents, we can understand that this is not a job that has meaning, value or significance to the professionals, especially because it is associated with crime and marginalization, and does not provide the construction of the individual as a social being which contributes to the formation of a society. However, the interviewees characterize prostitution as a profession, either because there is a routine work, or by enabling financial autonomy through service, but she makes it clear that this is an inferior work than others and therefore is a marginalized and stigmatizing profession in the social life.

KEYWORDS: Meaning of Work; Sex Workers; Content Analysis.

INTRODUÇÃO

Desde o início da década de 1950, vários pesquisadores têm buscado compreender os sentidos e significados que os trabalhadores atribuem ao exercício de sua profissão em diferentes partes do mundo (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007), visto que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o trabalho vem exercendo forte influência não somente na motivação dos trabalhadores, como também na sua satisfação e produtividade (MORIN, 2001).

No Brasil, pesquisas sobre os sentidos do trabalho realizadas por Morin, Tonelli e Pliopas (2007) e também por Oliveira, Piccinini, Fontoura e Schweig (2004) apontaram que o trabalho é visto como essencial na vida das pessoas, as quais almejam utilidade para as suas atividades tanto para as organizações quanto para a sociedade. Do mesmo modo, Lopes, Rabelo e Pimenta (2007) demonstraram em seus estudos sobre as profissionais do sexo de classe média-alta da cidade de Goiânia que as entrevistadas procuravam dar sentido ao seu trabalho – dentro de uma sociedade capitalista e individualista – ao se auto-proclamarem úteis à sociedade, uma vez que suprem a carência de companhia e atenção de homens solitários e depressivos, gerados por este tipo de sociedade. Em alguns de seus relatos, as garotas de programa dizem fazer parte da profissão o ato de escutar e amparar os homens que estão em busca de companhia e atenção, e, nesse sentido, elas chegam a afirmar que são “quase psicólogas” (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007).

Dessa forma, podemos depreender que é fundamental e também desafiador para os pesquisadores da área da Administração compreender os sentidos atribuídos ao trabalho pelos trabalhadores, os quais estão inseridos em uma sociedade que tem passado por inúmeras e complexas transformações nos últimos anos (MORIN, 2001). Contudo, a temática dos sentidos do trabalho ainda é pouco debatida na área e necessita ser mais explorada pela academia (TOLFO; PICCININI, 2007).

Visto isso, o objetivo que norteou este estudo foi o de analisar o sentido atribuído ao trabalho pelas profissionais do sexo do maior conglomerado de bordéis a céu aberto do sudeste brasileiro. Para tanto, foram entrevistadas dez garotas de programa que atualmente trabalham no maior conglomerado de prostituição dessa região. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas em profundidade e a análise dos dados foi feita através da Análise de Conteúdo.

Este artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. O capítulo seguinte diz respeito ao referencial teórico utilizado na pesquisa. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos para a sua condução. Na quarta seção, detalhamos as análises dos resultados sobre o sentido do trabalho para as profissionais do sexo. E, por fim, tecemos as considerações finais sobre o estudo.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A noção de "trabalhar" que está presente na sociedade brasileira e dimensionar o significado e o sentido do trabalho frente às outras esferas relevantes que cercam os seres sociais, aparentemente, pode parecer uma tarefa relativamente simples. Contudo, quando adentramos na análise do entendimento sobre o que os seres sociais fazem do ato de trabalhar, começamos a relacionar o trabalho à moeda, ou seja, o trabalho vendido, mercantilizado, que tem ocupado, cada vez mais, espaço na vida do indivíduo, pois este está se disponibilizando a desprender mais de sua energia e das suas horas para trabalhar, sacrificando, inclusive, outros importantes tempos.

Nos últimos anos, temos percebido que a ideologia do consumo tem caracterizado o pensamento de uma época. O trabalho perdeu seu significado, passou a ter conotação de moeda, barganha, trabalho-que-se-troca para os indivíduos. Porém, ainda que mantenha seu caráter obrigatório, porque este lhe é inerente, o trabalho tornou-se uma opção racionalizada, condicionada prioritariamente pelo desejo de consumir (GIUBERTTI, 2004).

De acordo com Giuberti (2004), a busca voluntária por trabalhar mais é uma característica contemporânea cada vez mais presente na nossa sociedade. Isso pode ser compreendido, pois o trabalho pode possibilitar a obtenção daquilo que tem sido vendido para a sociedade como a ponte que diferencia as pessoas, o que justifica sua existência e o que tem a capacidade de aplacar uma das maiores necessidades humanas atuais: o consumo.

Além disso, de acordo com Nardi (2007), no ocidente, a partir da modernidade, conseguimos vislumbrar dois dispositivos centrais como organizadores da vida em sociedade e responsáveis por uma determinada forma para a subjetividade, são eles: o trabalho e a sexualidade. A proposta do autor é pensar a ação desses dispositivos através da governamentalidade biopolítica, uma vez que esta torna possível entender “a centralidade do trabalho e da sexualidade para a compreensão do lugar e das funções que nos são atribuídas e, também, nossas possibilidades de aceitarmos ou rejeitarmos estes lugares na medida de nossas dores e prazeres” (NARDI, 2007, p. 71). Dessa forma, ressalta-se a presença da ação intensa desses dispositivos como uma forma de ação conjunta da disciplina e do controle sobre os trabalhadores, e evidencia seu funcionamento ao relacionar o desenvolvimento da sociedade a sua submissão à moral do trabalho e na sua relação com os valores da família, tidos como valores para a cidadania (NARDI, 2007).

Ademais, podemos perceber também que o “código moral relativo ao trabalho na sociedade contemporânea se transforma à medida que o capitalismo muda suas estratégias de dominação” (NARDI, 2007, p. 75), e sendo este construído através de um processo histórico, podemos refletir sobre as novas relações de trabalho no capitalismo moderno e suas conseqüências no caráter individual.

Porém, cabe ressaltar que o corpo tido como mercadoria não se restringe a troca de sexo por dinheiro. Podem-se barganhar relações sexuais por favores profissionais, informações, bens materiais e muitas outras coisas. Partindo desse pressuposto da não exclusividade da moeda como troca, a prostituta, essencialmente, é uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais sem amor (BRAGA, 1982). Na troca de favores sexuais, ainda que muitos homens se prostituam, historicamente, a prostituição feminina é um trabalho mais freqüente do que a masculina (CECCARELLI, 2008).

Ao falarmos em trabalho, Tolfo e Piccinini (2007) nos dão a base fundamental da importância deste na vida do sujeito em um determinado momento, ou seja, acerca da centralidade absoluta e relativa do trabalho.

É formada por um construto complexo composto por um componente valorativo – a centralidade absoluta do trabalho -, que mensura o valor atribuído a este dentro da vida dos sujeitos (...) e identifica em que medida o trabalho é central para a auto-imagem. O outro componente é a centralidade relativa do trabalho, influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, e que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na sua vida (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 38-46).

Ainda acerca do trabalho, as autoras remetem à questões sobre as normas derivadas de valores morais relacionadas com o trabalho, uma vez que elas estão associadas a questões éticas, atuando como antecedentes dos princípios e condutas sociais sempre ligados às crenças sobre

as obrigações e os direitos do trabalhador. Estas normas são variáveis às circunstâncias, sofrendo influências sócio-demográficas e pessoais, e funcionam como padrões sociais que balizam as avaliações individuais acerca das recompensas obtidas pelo trabalho e consistem numa expressão geral (percepção) do que seriam trocas equitativas entre o que o indivíduo recebe da situação de trabalho e as contribuições que ele traz para o processo de trabalho (TOLFO; PICCININI, 2007). Desta maneira, ela está atrelada a valores como a ética do trabalho e a ética marxista, que atuam como antecedentes dos princípios e condutas sociais ligados às crenças sobre as obrigações e os direitos do trabalhador.

Dessa forma, os valores relacionados com o trabalho são estabelecidos por intermédio da educação primária e secundária e tem efeito durável na personalidade das pessoas, mas se modificam e se adaptam nas diferentes etapas da vida e em situações sociais distintas, influenciando as formas de atividade laboral, a flexibilidade e a produtividade dos trabalhadores, pois afeta as crenças sobre o que é legítimo e o que se pode tolerar do trabalho. Podemos considerar, então, que “o sentido do trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida, que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade num dado momento histórico” (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 38-46).

Dejours (1987) faz algumas elucidaciones sobre o trabalho, uma vez que ele precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para seus pares e para a sociedade. Ele percebe que o sentido do trabalho é formado por dois componentes: o conteúdo significativo em relação ao sujeito e o conteúdo significativo em relação ao objeto. Relativo ao conteúdo significativo do trabalho em relação ao sujeito, o autor identifica as dificuldades práticas das tarefas, a significação da tarefa acabada em relação a uma profissão (noção que contém ao mesmo tempo a idéia de evolução pessoal e de aperfeiçoamento) e a posição social implicitamente ligada ao posto de trabalho determinado. O sentido do trabalho, desta forma, permite a construção da identidade pessoal e social do trabalhador por meio das tarefas que executa – do seu trabalho – permitindo que ele consiga se identificar com aquilo que realiza. Quanto ao conteúdo significativo em relação ao objeto, Dejours (1992) destaca:

(...) ao mesmo tempo em que a atividade de trabalho comporta uma significação narcísica, ela pode suportar investimentos simbólicos e materiais destinados a um outro, isto é, ao objeto. A tarefa pode também veicular uma mensagem simbólica para alguém, ou contra alguém. A atividade do trabalho, pelos gestos que ela implica, pelos instrumentos que ela movimenta, pelo material tratado, pela atmosfera na qual ela opera, veicula um certo número de símbolos. A natureza e o encadeamento destes símbolos dependem, ao mesmo tempo, da vida interior do sujeito, isto é, do que ele põe, do que ele introduz de sentido simbólico no que o rodeia e no que ele faz (DEJOURS, 1992, p. 40).

Nesse sentido, Tolfo e Piccinini (2007) esclarecem que

separar conteúdos significativos em relação ao sujeito e ao objeto é arbitrário, na medida em que as regras de troca de investimento não se deixam assim separar. De fato, toda atividade contém os dois termos. O investimento no indivíduo só pode renovar-se graças ao investimento no objeto e vice-versa. A significação profunda do trabalho para cada indivíduo é própria, sendo criada a partir das técnicas particulares desenvolvidas por cada sujeito. [...] O sentido no trabalho é possível por meio da transformação do sofrimento – decorrente da divisão das tarefas pela organização do trabalho – em prazer pela utilização das competências e liberdades individuais. O prazer no trabalho é fundamental para a manutenção da saúde e da normalidade (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 38)

Assim, como os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto – ao passo que os sentidos são caracterizados por ser uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano – as transformações que os sentidos e significados sofrem são construídas por meio de uma relação dialética com a realidade (TOLFO; PICCININI, 2007).

Ademais, uma vez que o trabalho se trata de um construto multidimensional – pois tem seu significado atrelado ao entendimento pessoal de cada sujeito social – as autoras identificaram uma crise na modernidade, decorrente, em especial, das mudanças que o capitalismo exerce sobre as instituições, que se tornaram definidoras da teia social. Caso o trabalhador reconheça o trabalho apenas como algo obrigatório e necessário para sobreviver, e não como uma categoria integradora, na qual se pode criar e reconhecer-se enquanto indivíduo e ser social, esse trabalhador, além de alienado, será somente um produtor e consumidor do capital, que deixará de buscar sua identidade nas atividades que executa e, conseqüentemente, deixará, então, de atribuir sentidos e significados para aquilo que faz (TOLFO; PICCININI, 2007).

Visto isso, o ser social – independente de qualquer denominação atrelada ao gênero – vem influenciando coletivamente na construção de novos significados para o trabalho, propondo uma busca de sua identidade. Dessa forma, fica evidente a importância de investigarmos os sentidos do trabalho para as profissionais do sexo. No próximo tópico, expomos os procedimentos metodológicos na condução da pesquisa para a consecução desse objetivo.

METODOLOGIA

A fim de compreendermos os sentidos atribuídos ao trabalho pelas profissionais do sexo, utilizamos de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório (GIL, 2010), uma vez que a temática do sentido do trabalho para tais profissionais não é muito debatida no campo da Administração. Para Chizzotti (2004), por meio da pesquisa qualitativa conseguimos revelar a essência dos fenômenos investigados através de um tratamento e análise dos dados não de maneira isolada, mas considerando um contexto em que há uma dinâmica de relações.

A operacionalização da investigação se deu por meio de um processo amostral não probabilístico por conveniência, isto é, na medida em que as profissionais aceitavam participar da pesquisa. Nesse sentido, levamos em consideração o princípio de saturação (PIRES, 2008) como momento adequado para interromper a investigação, ou seja, colhemos informações até o ponto em que a interação entre o trabalho do pesquisador e o campo de investigação já não mais fornecia elementos para aprofundar a teorização do estudo. Além disso, corroboramos com as afirmações de Rey (2005) e de Degob e Palassi (2009) sobre a questão da quantidade de sujeitos investigados na pesquisa qualitativa não definir a validade dos resultados obtidos, mas sim as especificidades dos atores entrevistados.

Desse modo, para a fase de coleta de dados utilizamos de entrevistas semi-estruturadas em profundidade, onde foram entrevistadas dez profissionais do sexo do maior conglomerado de bordéis a céu aberto do sudeste brasileiro. No sentido de manter a ética e o sigilo que nos foi pedido durante a concessão das entrevistas, os nomes do conglomerado e da região onde ocorreram as entrevistas não serão divulgados, bem como o nome das entrevistadas. De acordo com Triviños (1987), as entrevistas semi-estruturadas são caracterizadas pelas indagações básicas que são amparadas em teorias e hipóteses, as quais se relacionam com a temática da pesquisa. Ademais, a opção por essa ferramenta também levou em consideração que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais,

mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de dados (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Por fim, para o tratamento e análise dos dados coletados utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo (AC). Segundo Bardin (2004, p. 37), a Análise do Conteúdo pode ser compreendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”. Assim, a Análise de Conteúdo tem por objetivo identificar o que está sendo dito acerca de determinado assunto (VERGARA, 2005), produzido nas mais diversas interações, como na vida cotidiana ou em contextos institucionais (BARDIN, 2004).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como já dito anteriormente, foram entrevistadas dez profissionais do sexo do maior conglomerado de bordéis a céu aberto do sudeste brasileiro e, a fim de esboçar os perfis desses atores, expomos, a seguir, um quadro elucidativo com os dados sobre a escolaridade, número de filhos e de dependentes, a idade e o trabalho anterior dessas pessoas, bem como pseudônimos para as mesmas, no intuito de preservar suas reais identidades, como podemos ver abaixo:

Quadro 1 – Perfil das profissionais do sexo

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Nº de filhos	Nº de dependentes	Trabalho anterior
Angélica	57	3º série do 1º grau	6	6	Auxiliar de serviços gerais
Íris	34	Analfabeta	4	4	Diarista
Margarida	31	8º série do 1º grau	3	3	Camelô
Rosa	27	1º série do 2º grau	0	0	Balconista
Jasmim	33	6º série do 1º grau	3	0	Balconista
Violeta	29	5º série do 1º grau	3	3	Operadora de caixa
Orquídea	42	2º grau completo	2	3	Vendedora
Girassol	34	4º série do 1º grau	4	1	Babá
Magnólia	41	3º grau incompleto	1	3	Funcionária Pública Municipal
Hortência	25	3º grau completo	0	0	Secretária e atendente em casas de bingo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos notar, foram entrevistadas profissionais do sexo com idade entre 25 a 57 anos de idade. O nível de escolaridade é bastante variável, desde o analfabetismo até a graduação completa. Porém, quando analisados em conjunto, em especial com o número de filhos, podemos perceber um entrelaçamento, propondo que, quanto maior o número de filhos,

menor o nível de escolaridade. O nível de escolaridade também influenciou em suas profissões anteriores, isto é, aquelas que têm um nível maior de escolaridade, como Magnólia – que foi funcionária pública municipal – e Hortência – ex-secretária e atendente em casas de Bingo –, desempenhavam funções que agregavam maior poder econômico que as profissões das demais, como diarista, auxiliar de serviços gerais, camelô, balconista, operadora de caixa, e babá.

As entrevistadas foram questionadas sobre o intermediador e as causas que fizeram com que elas chegassem à prostituição, e os resultados demonstraram que elas tiveram meios distintos para a inserção nesse mercado. Apesar de três profissionais não terem relatado a forma como conheceram a profissão do sexo, as demais afirmaram ou ter entrado por intermédio de algum conhecido (tia, namorado ou amiga), ou sozinha, por anúncio no jornal, ou até mesmo devido ao emprego anterior, que de alguma forma a levou ao universo do comércio sexual. Em relação às causas, seis das entrevistadas apresentaram diretamente a dificuldade financeira em suas falas, sendo que as demais, de alguma forma, apresentaram indiretamente em suas entrevistas palavras que denotam também a questão financeira como decisiva na entrada da prostituição, como por exemplo: falta de opção de trabalho (Jasmim), filhos novos, viúva e pouco estudo (Girassol), cansaço de trabalhar para os outros (Rosa) e ambição (Hortência).

Quanto ao tempo de trabalho nessa profissão, as respondentes estão, em média, há onze anos e oito meses na prostituição, destacando-se Angélica como a mais antiga profissional entrevistada, há 30 anos como garota de programa, e Hortência, que é a mais jovem em tempo prestado nesse serviço, com apenas três anos.

Quanto à duração de um programa, há uma unanimidade das entrevistadas ao afirmarem que todos os programas dependem diretamente do serviço oferecido e do valor monetário negociado para a realização deste. Dessa forma, é apresentado o que para as prostitutas é uma média em seu cotidiano, ou seja, o programa com cada cliente dura, em média, cerca de 20 minutos. Violeta, que além de profissional do sexo é gerente de uma das casas, afirma que o programa dura em torno de “(...) 15 minutos, 20 minutos, não chega há meia hora”, o que confirma a observação dos pesquisadores, que entre as etapas da entrevista com Margarida, interrompida por clientes que lhe abordavam, contabilizaram não mais que 10 minutos entre a subida e a descida do cliente, destacando que, oficialmente, o programa combinado por R\$ 30,00 é pelo período de 30 minutos.

Contudo, o preço do programa também é bastante variável, uma vez que depende do serviço negociado, ou seja, sexo oral, vaginal e anal possuem valores diferenciados e, se combinados, agregam valor ao programa. Porém, nove profissionais cobram, em média, R\$ 30,00 o programa simples (sexo vaginal). Apenas Girassol disse cobrar em média R\$ 50,00 o programa, destacando, ainda, que ela é a única profissional que trabalha fantasiada.

Um fator que nos chamou a atenção foi a quantidade de dias por semana trabalhados e a quantidade de horas por dia dedicados à prostituição, onde cinco entrevistadas afirmaram trabalhar sete dias por semana, sem nenhuma folga. Apenas Jasmim e Girassol relataram trabalhar apenas três dias (nos finais de semana), pois, segundo elas, são dias de maior movimento. A média de tempo disponível para trabalho é de aproximadamente 10 horas diárias, variando de quatro horas (Íris) até 24 horas (Violeta) nos três dias por semana em que está escalada como gerente da casa, desempenhando, ainda, a função de faxineira e arrumadeira dos quartos e banheiros, ilustrando assim a necessidade urgente de uma legislação trabalhista como forma de preservar a salubridade dessas profissionais. Para as

mulheres que são mães, a rotina de trabalho é ainda mais fatigante, como descrito por uma delas:

“Depende do movimento. Vamos supor, eu chego aqui 10 horas, fico até duas e pouca da manhã. (...) Eu coloco meu filho na escola 10 horas. Aí venho, cinco horas me desarrumo, vou buscar ele na escola, aí levo ele para casa, depois eu volto. Eu descanso um pouco, umas duas horinhas e depois volto e fico até a madrugada. Aí durmo um pouco em casa. Aí nove horas da manhã, oito, nove horas, tem que estar de pé de novo para a mesma rotina. Nos finais de semana que dá pra *mim* ficar direto” (GIRASSOL).

Além disso, as entrevistadas declararam uma renda mensal que varia de R\$ 500,00 à R\$ 8.000,00. Todavia, todas afirmaram uma significativa melhora de condição de vida após a inserção no meio da prostituição, seja para sustento e formação dos filhos, para mobiliar e adquirir eletrodomésticos e eletroeletrônicos para a casa, ou para pagar aluguel, faculdade e cursos, podendo, inclusive, auxiliar na obtenção da casa própria, como Angélica e Girassol.

“Eu comprei a minha casa com dinheiro daqui, eu tenho minha casa própria e agora tô reformando, só falta terminar a cozinha. Aí eu vou pensar agora nos estudos do meu filho, daqui para frente numa faculdade, eu vou aproveitar o pouco de vida que eu tenho para poder investir nele” (GIRASSOL).

Orquídea revela que a melhora na sua condição de vida é “indiscutivelmente, com casa própria, carro próprio, tudo com o dinheiro daqui. Uma casa, dois apartamentos e um carro”. Ela diz ainda não depender exclusivamente da prostituição tanto para seu sustento quanto para o de seus dependentes “(...) atualmente não mais, porque eu comprei alguns imóveis e eles estão alugados e tem uma outra pessoa também, que eu conheci há muitos anos, e que também me ajuda, também por fora” (ORQUÍDEA). Jasmim também não depende exclusivamente da prostituição, já que possui a renda do aluguel de uma casa.

Com a finalidade de compreender quais as qualidades inerentes às profissionais do sexo para o exercício da profissão, foi solicitado as profissionais que, inicialmente, respondessem se prostituição é profissão. Logo em seguida, pedimos que elas traçassem o perfil da mulher que desempenha essa tarefa e definissem o trabalho do sexo.

Serão apresentadas, a seguir, as respostas a alguns questionamentos sobre os sentidos da profissão do sexo para as respondentes. Durante as entrevistas, as garotas de programa permaneceram livres para responder da maneira como melhor percebiam o exercício dessa profissão, uma vez que procuramos compreender qual o significado ou o sentido do trabalho da profissional do sexo de acordo com a visão das entrevistadas. O quadro seguinte (Quadro 2) busca resumir e elucidar essas respostas.

Quadro 2 – Prostituição é profissão?

Pseudônimo	Prostituição é profissão?	Explicitação dos conteúdos
Angélica	Pra quem depende só dela e não tem disposição pra trabalhar, então é a profissão da pessoa.	É profissão, mas marginalizada.
Íris	É tipo uma profissão, se você não <i>vim</i> você não ganha. Tô errada?	Só é profissão se há rotina de trabalho e lucro.
Margarida	Ah, é profissão, que a gente tá aqui [no bordel] todo dia correndo atrás, né? É um trabalho normal.	É profissão porque há rotina de trabalho.
Rosa	A gente tá trabalhando como qualquer outra pessoa. Você vê que tem mulher que trabalha doze, vinte e quatro horas por dia para sustentar a família. Então é trabalho.	É profissão porque há rotina de trabalho e propósito de sustentar a família.

Jasmim	Sim. Desde quando a gente faz tudo dentro da profissão, sabe, se cuida, então eu acho que é profissão. Usar sempre camisinha, fazer tudo dentro da profissão com cuidado.	É profissão que requer proteção devido aos riscos à saúde.
Orquídea	Com certeza, porque eu sou profissional e assim sustento toda a minha família, e foi assim que eu consegui minha independência financeira. Eu nunca mais fui despejada, desempregada com filho pequeno (...) então, se a pessoa for profissional, é uma profissão.	É profissão porque tem o propósito de autonomia financeira e de sustento familiar.
Violeta	É um trabalho como qualquer outro, entendeu?! Você não tá roubando, não tá matando ninguém, você tá cobrando aquilo que você vai fazer.	É profissão porque exige rotina de trabalho e porque não é crime.
Girassol	Eu sempre encarei como profissão, tanto que tudo que eu tenho, eu sempre falo pro meu filho: a mamãe tem que trabalhar. Mas ele não sabe que eu faço isso.	É profissão porque tem o propósito de sustento familiar, mas é marginalizante.
Magnólia	É um serviço sim, mas é um serviço marginalizante, mas é uma profissão.	É profissão, mas é marginalizada.
Hortência	Não vejo como não sendo uma profissão. É uma profissão, a pessoa paga para ter os serviços, é como se você fosse num <i>drive</i> , você tem que pagar para poder comer, não é? Aqui não é muito diferente, paga para comer, mas comer outro tipo de comida (risos).	É profissão porque é um serviço prestado e tem um retorno financeiro.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tolfo e Piccinini (2007) afirmam que os valores e sentidos do trabalho apresentam diferenças e similaridades transculturais relacionadas com a importância atribuída às facetas do exercício da profissão. Na busca pelo valor do trabalho das profissionais do sexo foi possível notar uma gama de sentidos atribuídos a tal profissão, especialmente atrelado ao inculcamento da cultura da prostituta ser mulher de vida fácil. Essa visão enraizada na sociedade pode ser notada nas falas de Angélica, Girassol e Magnólia, que condicionam a profissão a quem não tem outra opção ou disposição para outro trabalho, desvalorizando-a frente a qualquer outra profissão.

Além disso, quando Jasmim cita “usar sempre camisinha, fazer tudo dentro da profissão, com cuidado” demonstra não apenas que existem regras dentro da prostituição que as diferem de outras mulheres, como reforça a pesquisa de Lopes, Rabelo e Pimenta (2004), evidenciando que os homens às procuram, pois, uma vez que “fazem tudo dentro da profissão”, não há o inconveniente de ter de manter relações de compromisso com elas, as quais, muitas vezes, são tratadas como “quase psicólogas”, onde os homens buscam apenas companhia e atenção.

Ademais, é possível que seja por não encontrar valor e sentido no trabalho (DEJOURS, 1992) que Violeta afirma que a prostituição é profissão porque não é crime, uma vez que não percebe o significado do seu trabalho para a sociedade. Tanto Orquídea, quanto Girassol e Rosa buscaram a motivação do construto do significado do trabalho na função que cumpre para elas a manutenção das necessidades familiares. Porém, o conjunto de produtos básicos que o trabalho poderia proporcionar, como por exemplo, prestígio, contato social, estabelecimento de relações interpessoais, sensação de utilidade para a sociedade e auto-realização (TOLFO; PICININNI, 2007), não são mencionadas, reduzindo a motivação ao trabalho do sexo ao retorno financeiro que este proporciona, possibilitando o consumo (GIUBERTTI, 2004), como claramente mencionado por Íris, Orquídea e Hortência, que relacionaram o trabalho à moeda.

Muitas das entrevistadas associam a prostituição a uma rotina de trabalho, reconhecendo o exercício da profissão somente como algo obrigatório e necessário à sobrevivência e aquisições, e deixando de percebê-lo como integrador, capaz de desenvolver um indivíduo, um ser social (TOLFO; PICININNI, 2007).

Posteriormente, resolvemos indagar as entrevistadas com a pergunta: “Sexo em troca de favor é prostituição?”. Apenas três respondentes disseram que não, pois, para elas, para se configurar a prostituição, precisa haver dinheiro como pagamento ao serviço prestado. “Eu acho que tem que rolar dinheiro. Se trabalha na vida, como profissional do sexo, tem que rolar dinheiro” (MARGARIDA). Já as outras sete profissionais disseram que mulheres que fazem sexo em troca de qualquer tipo de favor são sim prostitutas. Ou seja, de acordo com grande parte das entrevistadas, ser prostituta é fazer sexo em troca de algo, seja por dinheiro ou por benefícios particulares que favoreçam aqueles que os recebe. “Sim (...) por que tá usando a intimidade dele ou dela para usufruir vantagem financeira” (MAGNÓLIA).

“(…) às vezes até a mulher casada mesmo é prostituta, porque às vezes faz chantagem com o marido, fala se você me der isso assim, eu vou caprichar mais, vou fazer isso, vou dar aquilo. Então já é prostituta, tá se vendendo” (ANGÉLICA).

“Ela é incubada. Ela não quer assumir tem vergonha. (...) ela é, existem muitas mulheres que fazem programas incubadas, tipo, saem com o homem em troca de dinheiro, a troco de uma garrafa de cerveja, a troco de um saco de pó e se incubam. (...) muitas das vezes a mulher se troca às vezes por outras coisas sem ser dinheiro” (ROSA).

Por fim, foi solicitado que as profissionais do sexo apontassem como preferem ser chamadas: de prostituta, de puta, profissional do sexo ou garotas de programa. Três das entrevistadas responderam que o significado da nomenclatura não faz diferença alguma, mas que depende da conotação: “(...) não tem diferença depende de como é colocado, na hora que é colocado. Tem pessoas que dizem de uma forma agressiva – sua puta –, tem outras que não. Dizem “vamos lá fazer uma putaria”, entendeu?! Tudo é da forma como é colocado” (HORTÊNCIA). Já as outras sete entrevistadas responderam que preferem ser chamadas pelo termo “profissional do sexo”, por ser mais “bonito” (ANGÉLICA), mais respeitoso e menos escancarado (MARGARIDA) e “(...) porque a gente se considera uma profissional, então prostituta eu acho um nome muito áspero e puta também já é muito baixo” (JASMIM). Girassol demonstra seus significados em torno da palavra “prostituta”: “Eu acho um nome muito pesado. Eu acho que todas nós temos coração, então, para mim, prostituta é um nome muito carregado, é como se a gente tivesse comendo uma panela de feijoada e fizesse mal” (GIRASSOL).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com esta pesquisa analisar o sentido atribuído ao trabalho pelas profissionais do sexo do maior conglomerado de bordéis a céu aberto do sudeste brasileiro. Pudemos verificar que, embora haja toda uma diferenciação no significado das nomenclaturas impostas à profissão do sexo, os sentidos e significados do trabalho para essas profissionais não difere muito entre elas. De acordo com as entrevistadas, podemos perceber que este não é um trabalho que possui sentido, valor ou significado às profissionais, especialmente porque é associado ao crime e à marginalidade, e não proporciona a construção do indivíduo como ser social que colabora para a formação de uma sociedade. Contudo, as entrevistadas caracterizam a prostituição como uma profissão, ora por haver uma rotina de trabalho, ora por possibilitar autonomia financeira através de serviços prestados, mas deixam claro que este é um trabalho inferior aos demais e, por isso, é uma profissão marginalizada e estigmatizante no convívio social.

Como dificuldades da pesquisa, podemos citar a interrupção das entrevistas, uma vez que enquanto entrevistávamos as profissionais do sexo, muitas vezes tivemos de parar com os

questionamentos para que as profissionais pudessem atender os clientes. Isso fazia com que perdêssemos a linha de raciocínio que seguíamos, e, desse modo, frequentemente precisávamos retornar a algumas perguntas que não ficaram esclarecidas.

Por fim, como sugestões para estudos posteriores, propomos que os pesquisadores não só investiguem a prostituição em outras regiões brasileiras, como também pesquise o sentido do trabalho para os homens que exercem a profissão do sexo, de modo que amplie a pluralidade temática da área nas pesquisas acadêmicas. Além disso, sugerimos também que sejam investigadas questões como os riscos de trabalho e a regulamentação dessa profissão, temáticas estas que comumente apareciam nos relatos das entrevistadas e que são pontos relevantes de discussão para a Administração e para a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRAGA, J. M. F. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. In: ÂNGELO, A. *A prostituição em debate*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CECCARELLI, P. R. Prostituição - Corpo como mercadoria. *Mente&Cérebro*. São Paulo, p. 55-63, dez, 2008.

CHIZZOTTI, A. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, I. (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2004.

DEGOB, R.; PALASSI, M. P. Os sentidos da participação dos colaboradores nos projetos e ações sociais dos Correios do Estado do Espírito Santo. *Organizações&Sociedade*, v.16, p.265-286, 2009.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. São Paulo, SP: Oboré, 1987.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In J. F. Chanlat (Ed.), *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (pp. 150-173). São Paulo, SP: Atlas, 1992.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIUBERTTI, A. M. Trabalho: para que te quero? O espaço ocupado pelo trabalho na vida do indivíduo contemporâneo. *Soc. estado*. Brasília, v. 19, n. 1, p. 261-262, jun, 2004.

LOPES, C. S.; RABELO, I. V. M.; PIMENTA, R. P. B. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta na cidade de Goiânia. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 69-76, 2007.

MORIN, E. Os sentidos do trabalho. *Revista Administração Empresas*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 08-19, set., 2001.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 47-56, 2007.

NARDI, H. C. Nas tramas do humano: quando a sexualidade interdita o trabalho. In: POCAHY, F. *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea*. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: NUANCES, 2007.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; FONTOURA, D. S.; SCHWEIG, C. Buscando o sentido do trabalho. In *Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração* (pp. 283). Porto Alegre, RS: ANPAD, 2004.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

REY, F. G. *Pesquisa Qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2005.

TOLFO, S. da R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 38-46, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2005.